

O CARÁTER SOCIAL E POLÍTICO DAS OBRAS DE JORGE AMADO, DA DÉCADA DE 1930¹

English title: *THE SOCIAL AND POLITICAL CHARACTER OF JORGE AMADO'S WORKS FROM THE 1930S*

 DOI NUMBER: 10.33726/akd2447-7656v16a10year2024p106a125

CARVALHO, Isaar Soares de²

RESUMO: Neste Artigo, voltamos a nos debruçar sobre o modo com que o escritor Jorge Amado (1912-2001) descreve, em algumas de suas obras, sobretudo nas que aqui serão abordadas, a particularidade existencial do *homo brasiliensis*. Por meio de uma revisão de literatura, este exame põe em evidência, o fato de que o viés narrativo amadiano descortina diante de seus incontáveis leitores, oriundos de várias gerações, aspectos de uma sociedade brasileira que vive incansavelmente indecisa entre trajetórias políticas, sociais e econômicas de sucessos e fracassos sucessivos. Neste sentido, o resultado imediato deste embate, é o de que vemos nesta pesquisa, um Jorge Amado ainda ansioso em contribuir para que, por intermédio de sua ficção, se promova uma conscientização da população mais sofrida do país, quanto a certas nuances da luta de classes, máxima tão mofada em nossas memórias quanto tida como premissa basilar de seus textos, do mesmo modo que a igualmente enferrujada Revolução emerge nestas mesmas obras como superação dialética do conceito ficcionalmente dado. O objetivo deste *paper*, enfim, incide justamente na promoção de um despertar de nossos contemporâneos, para questões que, se eivadas de arcaísmos, por um lado, por outro lado, ainda não foram de todo vencidas, requerendo lutas ainda a serem travadas. Justifica nosso estudo, o fato de que, se as releituras periódicas de Jorge Amado ainda fazem algum sentido, pode ser sinal de que os nossos ídolos talvez ainda sejam os mesmos (o Capitalismo, o Totalitarismo, o Dogmatismo etc.). No *corpus* de análise, então, devemos conclamar que “Jubiabá” (1935) exerça novas iconoclastias, pois, do contrário, seremos condenados a viver eternamente n’“O País do Carnaval” (1931), em ritmo de samba, “Suor” (1934), “Cacau” (1933) e lágrimas, terminando afogados num “Mar Morto” (1936), até que os “Capitães da Areia” (1937) venham dele nos salvar.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade brasileira, política, economia

ABSTRACT: In this article, we will once again look at the way in which the writer Jorge Amado (1912-2001) describes the existential particularity of *homo brasiliensis* in some of his works, especially in those discussed here. By means of a literature review, this examination highlights the fact that Amado's narrative bias reveals to his countless readers, from various generations, aspects of a Brazilian society that lives tirelessly undecided between political, social and economic trajectories of success and failure. In this sense, the immediate result of this examination is that we see in this research a Jorge Amado who is still eager to contribute to raising awareness among the country's most suffering population through his fiction, regarding certain nuances of the class struggle, a maxim that is so moldy in our memories and is taken as a basic premise of his texts, in the same way that the equally rusty Revolution emerges in these same works as a dialectical overcoming of the fictionally given concept. The aim of this paper, in short, is precisely to awaken our contemporaries to issues that, if they are riddled with archaisms, on the one hand, on the other hand, have not yet been completely overcome and require further struggles. Our study is justified by the fact that if the periodic re-readings of Jorge Amado still make some sense, it may be a sign that our idols may still be the same (Capitalism, Totalitarianism, Dogmatism, etc.). In the corpus of analysis, then, we must call for “Jubiabá” (1935) to exert new iconoclasms, otherwise we will be condemned to live forever in “O País do Carnaval” (1931), to the rhythm of samba, “Suor” (1934), “Cacau” (1933) and tears, ending up drowned in a “Mar Morto” (1936), until the “Capitães da Areia” (1937) come to save us from it.

KEYWORDS: Brazilian society, politics and economy

¹ Escrito entre 18/06 e 02/08/2024 – Frutal / MG. Difundido também durante “Palestra – Flipelô 2024 – Obrigado, Senhor!”.

² Prof. Dr., Graduado em Filosofia e em Teologia. Mestrado e Doutorado cursados em Filosofia, pelo IFCH-UNICAMP. Pós-Doutor em Letras, pela FFLCH-USP. Professor de Filosofia, Ética e Relações Étnico-raciais, na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Unidade Frutal).

1 – SUOR (1934)³

Jorge Amado descreve nesta obra, uma sociedade marcada pela concentração de renda, que se dá nas mãos de uma pequena parcela da população branca na Cidade do Salvador, o que é contrastado com milhares de pessoas excluídas dos bens necessários para se ter uma vida boa. Descreve-se no texto amadiano, com detalhes, a vida de muitas pessoas com dificuldades de moradia, alimentação, carentes dos recursos para se ter uma vida sadia, sem saneamento básico e sem apoio do poder civil para minorar as suas dificuldades básicas e a falta de segurança.

“Suor”, é um retrato fiel do proletariado em Salvador, especialmente no Pelourinho e, assim, Jorge produz uma obra de conscientização de classe, dos direitos básicos das cidadãs e dos cidadãos, com uma linguagem de fácil compreensão, buscando, dessa forma, conscientizar o máximo de leitoras e leitores, em busca da transformação da realidade, por meio de sua escrita.

O autor constrói as personagens a partir de eventos do cotidiano da cidade, descrevendo uma comunidade que morava em um edifício no Largo do Pelourinho, bem como estendendo a narrativa para a descrição de seu entorno e da luta de classes, em uma cidade elitista, herdeira dos costumes da República Velha e do Coronelismo.

Detém-se, também, na descrição dos trabalhadores do Porto, explorados de forma brutal, como se fossem máquinas, e não gente. Fala, ainda, de amores e de prostituição. E, assim, vai descrevendo uma sociedade excludente, porém, alçando a sua voz para a consciência de classe e a defesa dos direitos das pessoas oprimidas, mencionando sutilmente o personagem chamado Isaac, que “aparecia sempre, com manifestos no bolso”, bem como

³ Origem da obra: “Durante algum tempo, morei numa ruela vizinha ao Largo do Pelourinho, lugar em que eram castigados publicamente os escravos. A casa em que eu morava era uma construção colonial alta e sombria, onde se amontoava uma porção de pessoas exóticas. Hoje transformaram-na num hotel, juntando dois sobrados, e até colocaram uma placa indicando que é a casa descrita em *Suor*; é exatamente o que eu mostro nesse romance. *Suor* é verdadeiramente a minha vida no Pelourinho. O prédio parecia um velho sobrado como os outros, apertado na ladeira do Pelourinho, porém, era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço, 116 quartos, mais de 600 pessoas” (Disponível em: www.facebook.com/casadoriovermelho/photos/a-cria%C3%A7%C3%A3o-do-romance-suor-teve-origem-na-viv%C3%A2ncia-do-pr%C3%B3prio-autor-que-em-1928-c/3639980096012771/?locale=ms_MY&_rdr/. Acesso em: 19/06/2024).

destaca a alegria das pessoas, cujos pais não foram escravizados⁴.

Outro aspecto a se destacar de sua descrição do ambiente urbano, é o fato de que os moleques da Rua dos Quinze Mistérios, apesar de sua carência, “levavam vida gostosa na sujeira da rua e faziam recados para ganhar um tostão”, bem como “julgavam-se livres – sem escola e sem primeira comunhão, sem sapatos rangedores e sem banho diário, de vida nem sempre farta, mas em compensação alegre e divertida”⁵.

O poder das narrativas para a formação da consciência, pode ser verificado quando Jorge se refere a uma mulher negra que era vendedora de comida, observando que ela herdou, da África, o costume de contar histórias. Já de cabelos brancos, ela “sabia histórias velhas como as igrejas, histórias de escravidão, de ioiôs e iaiás, de escravos e mucamas.

Por isso, os pretos moços se sentavam perto dela para ouvir as histórias antigas”, bem como gostavam de ouvi-la os trabalhadores do cais, carroceiros, operários, bem como estudantes ricos, os quais, porém, “não queriam se recordar de que seus avós haviam sido escravos” e passaram a ter “outros escravos pretos, mulatos e brancos, nas extensões das fazendas de fumo, cacau, gado ou nos alambiques de cachaça” (p. 276-277)⁶.

A prática de escravos alforriados que passaram a ser senhores de escravos, foi registrada na obra “Dom Casmurro”, por Machado de Assis, na qual se afirma que era comum, no Brasil, que um homem liberto ou alforriado da escravidão passasse a comprar e a ser senhor de escravos, reproduzindo a economia e a moral que o tratavam não como pessoa, mas sim como mercadoria e instrumento de trabalho.

É o caso do escravo Prudêncio, que depois de “alforriado, é flagrado em lugar público aplicando as mesmas sevícias físicas e verbais a outro escravo que comprara, reproduzindo a mesma forma de tratamento que recebera na infância”⁷.

Digna de nota, é a tradição oral mencionada por Jorge Amado,

⁴ Suor. S. Paulo. Livraria Martins Ed., 1958, p. 271.

⁵ Suor, p. 272.

⁶ Suor, op. cit., p. 276-277.

⁷ Paulo S. Proença. *Sob o signo de Caim: Machado de Assis e a Bíblia*. S. Paulo: Biblioteca 24 horas: 2015, p. 98.

referindo-se a uma mulher que vendia vários alimentos em um tabuleiro, e diante da qual “os pretos moços se sentavam em volta da larga saia de chitão para ouvir as histórias antigas da velha. Trabalhadores do cais, carroceiros, operários. Às vezes, alguns estudantes paravam também, mas iam logo embora, porque os pais estavam ricos e eles não queriam se recordar de que os avós haviam sido escravos”. Esses jovens “tinham outros escravos pretos, mulatos e brancos, nas extensões das fazendas de fumo, de cacau, de gado ou nos alambiques de cachaça” (p. 276-277).

O prédio da Ladeira do Pelourinho acolhia uma grande quantidade de pessoas oprimidas pelo sistema capitalista: costureiras, lavadeiras, trabalhadores do cais, soldados, pessoas desempregadas, pessoas que mendigavam, gente sem moradia que procurava por um abrigo, crianças, jovens. Enfim, era tão acolhedor que até um rato morava ali e não causava problemas a ninguém.

Ideias revolucionárias fazem parte essencial da obra “Suor”. O preto Henrique procurava dar consciência política à sua tia, falando dos direitos das pessoas pobres, das pessoas negras, da Revolução e da busca de seus direitos, especialmente do trabalho digno, da comida, da propriedade, da moradia, afirmando que isso só irá acontecer “quando a gente não quiser ser mais escravo dos ricos e acabar com eles” (p. 280)⁸.

Por outro lado, sua tia ainda conservava a crença de que as pessoas negras eram escravas e não brigavam com os brancos, pois estes eram seus senhores. Ela pensava que a libertação dos negros tivesse ocorrido devido a um ato de bondade da Princesa Isabel, contudo, seu sobrinho buscava uma libertação completa para os negros. Enfim, sua tia lhe perguntou:

– “Você sabe qual é a coisa mais melhor do mundo? Não sabe o que é? É cavalo. Se não fosse cavalo, branco montava em negro”⁹.

Isso foi registrado por artistas que mostram homens negros carregando seus senhores brancos em liteiras, como registra a obra de Jean Baptiste Debret (1768-1848):

⁸ Suor, op. cit., p. 280

⁹ Suor, op. cit., p. 280.



(Imagem – Título: “O regresso de um proprietário”)

Outro tema do cotidiano, o sexo, é tratado em várias partes da obra “Suor”, e um dos significados do termo *suor*, na obra, é aquele que diz respeito ao amor e, especialmente, ao sexo. Jorge menciona as relações sexuais em geral, tanto homoafetivas quanto heteroafetivas, a prostituição, as doenças venéreas etc. Também faz referência à curiosidade de crianças e adolescentes em relação ao amor e ao sexo, bem como às suas aventuras.

Destaca-se no texto, o problema do desrespeito e da violência sexual contra as mulheres, principalmente contra a mulher negra, quando afirma: “Os homens ficavam quase sempre brutos quando faltava mulher. Pegavam negrinhas a muque e se satisfaziam. Vários bateram na cadeia por esse motivo”. Amado faz uma ressalva, no entanto, aos pretos, que “continuavam delicados e até líricos” para com as mulheres¹⁰.

Merecem destaque na narrativa, as referências feitas à exploração da classe trabalhadora, especialmente quando o texto fala sobre a consciência de classe, que é superior ao interesse individual. “Suor” tem, assim, não só um caráter descritivo de uma situação-problema, mas principalmente de conscientização e de libertação, especialmente ao afirmar que “quando os operários começaram a dizer camaradas e a contar sua vida, os seus sofrimentos, as suas explorações”, os candidatos ao cargo de deputado prestaram mais atenção neles.

¹⁰ Suor, op. cit., p. 291.

Observa-se, no entanto, que o grito do *slogan* “proletários de todos os países, uni-vos” poderia causar a sua prisão. Por outro lado, esse grito tinha o potencial de “rebentar as cadeias, acabar com as surras e com as deportações”¹¹.

Na parte da obra dedicada à religião, Jorge faz uma crítica aos pedidos de um padre, Solano Dalva, para que as obras da igreja Nossa Senhora do Brasil fossem concluídas. No decorrer da narrativa, o escritor se refere a Julieta, que considerava os padres como ladrões e dizia que eles queriam o dinheiro dos outros para engordar, enquanto havia mulheres que trabalhavam como uma escrava e recebiam um salário que nem dava para o aluguel. E perguntava se havia alguma razão para dar um óbolo para essa obra. Sua visão dos apelos do sacerdote, entretanto, não era a mesma de dona Risoleta, que resolveu contribuir e pedir “a graça que mais desejava – um noivo rico e bom para Linda” (p. 299).

Dona Risoleta era uma das muitas que trabalhavam até de madrugada, “os olhos doíam-lhe, devido à luz da vela, e as pernas, com o suor correndo, estavam duras de tanto subir e descer com o pedal”, devido ao seu desejo de contribuir para com as obras da Igreja. E, mesmo que sua situação fosse tão precária, seu desejo de contribuir persistia, no que ela ainda dividia uma cama de solteiro com Vera.

Esse conflito de desejos é comum a todas as pessoas, e assim o texto apresenta um caráter psicológico e dialético importante na descrição das personagens.

Na parte cujo subtítulo é propriamente *Suor*, o autor trata das condições precárias de uma mulher, cujo nome não é mencionado, que tinha um filho de dez anos, com a estatura de quem tinha seis anos. Narram-se as condições da habitação no 68, do Pelourinho, onde as crianças viviam em condições precárias: “imundas e inúmeras, com aquelas barrigas grandes, cheias de vermes, aquelas bocas pequenas, de dentes quebrados, vestidos de restos de calças e de camisolões de

¹¹ *Suor*, op. cit., p. 296.

chita”¹². É o retrato da sociedade capitalista, marcada pela exclusão dos bens essenciais para uma vida boa.

No entanto, a consciência de classe foi se desenvolvendo entre os habitantes do 68, e se inflamou depois que Joaquim, operário da construção civil, sofreu um acidente, caiu de um andaime e foi a óbito depois de um mês.

E, quando uma senhora quis saber como o homem morrera, a resposta de um operário apelidado de Vermelho, foi esta:

– Quem matou foi um ricoço. Quanto à viúva do trabalhador, nas dores do luto, ela disse que seus patrões eram verdadeiros ladrões, visto que se enriqueceram e compraram seu automóvel devido ao suor de seu marido: “Ladrões são vocês, que enriquecem com o nosso suor!”¹³.

Depois disso, a revolta dominou os trabalhadores, quando, então, Álvaro Lima fez um discurso nestes termos:

– Camaradas! É preciso acabar com as explorações. Nós somos muitos, pobres, sujos, sem comida, sem casa, morando nesses quartos miseráveis. Explorados pelos ricos, que são poucos. É preciso que todos nós nos unamos, para nos defender para a revolução dos operários. É preciso que os operários se juntem em torno do seu partido para acabar com as explorações, com os governos podres e ladrões, fazer um governo de operários e camponeses. Abaixo a exploração!”¹⁴.

E, a considerar a situação de exploração e miséria em que viviam inúmeras pessoas, das quais muitas não tinham o que comer e outras apenas almoçavam, a saída era a sua organização como classe e a luta por seus direitos.

E, assim, em sua narrativa, Jorge vai mostrando o que é o realismo na Economia, por exemplo, ao descrever as palavras duras da proprietária de um quarto dirigidas a um inquilino desempregado, cuja esposa havia dado à luz uma criança. Diante de sua dificuldade para quitar o aluguel, a proprietária lhe dizia: “Não posso esperar mais. Não sou mãe da humanidade”. E como o homem argumentasse sobre o desemprego e que a mulher e a criança não

¹² Idem, p. 303.

¹³ Idem, p. 307.

¹⁴ Idem, p. 305.

poderiam ficar sem abrigo, então a proprietária gritava: “E eu, que tenho com isso? Por que faz filhos? Eu tenho culpa? Eu quero o quarto. Trate de se mudar, se não, ponho esses trastes na rua. Não espero mais”¹⁵. Essa é a lógica do Capitalismo.

Outra característica dos habitantes do 68, era sua forma de identificar as pessoas, especialmente com referência às suas características físicas e à sua aparência, como “Chico, o dos dentes de fora”, ou simplesmente “o dos dentes de fora”¹⁶.

Isso, porém, não era uma forma de preconceito ou menosprezo, mas fazia parte da linguagem coloquial. E, assim, várias pessoas eram definidas, tanto por alguma característica física quanto por seu ofício, o que mostra a importância do trabalho para a nossa identidade enquanto pessoas. No entanto, não se pode olvidar as causas econômicas e sociais que o impediam de cuidar de sua saúde.

2 – O PAÍS DO CARNAVAL (1931)

Publicada em 1930, a obra “O País do Carnaval” trata de diversas questões relativas à existência humana e à realidade sociopolítica, questões presentes tanto na Filosofia quanto nas Ciências Sociais e na Literatura, áreas que têm o poder de promover o esclarecimento e a conscientização em relação ao problema da desigualdade social.

A Literatura, especialmente, trata da existência humana. Na obra “Os Miseráveis”, de Victor Hugo (1862), podemos observar as relações entre a política, a economia e a sociedade, num período em que havia exclusão social e fome. Retrata-se uma desumanidade, a partir da qual se podia levar uma pessoa faminta a ser punida por furtar um pão para tentar sobreviver.

Aqui, no Brasil, as obras “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha, bem como “O Quinze” (1930), de Rachel de Queiroz, notabilizaram-se por descrever o problema da seca e suas influências na economia, na natureza e na existência, pois falta d’água significa falta de vida.

¹⁵ Suor, op. cit., p. 312

¹⁶ Idem, p. 303 *et passim*.

Logo, não podemos falar da existência apenas em relação ao indivíduo, mas também em relação ao ambiente, ao contexto histórico, econômico e político, diante do qual cada pessoa deve construir-se, buscar sua identidade e sua autonomia moral.

Ao ler “O País do Carnaval”, é possível tratar dessas questões de forma interdisciplinar, buscando na obra um recurso didático para o entendimento de temas que, na linguagem acadêmica, não estão ao alcance de um público tão extenso quanto o da Literatura, apesar de nessa área haver também obras de difícil interpretação e compreensão.

A obra “O País do Carnaval” tem um acentuado caráter existencial e, ao mesmo tempo, discute qual seria a melhor forma de sociedade: a capitalista ou o comunismo? No texto, discute-se também qual seria a melhor forma de governo: a democracia, o socialismo ou seria possível adotar a anarquia?

Outro tema importante da obra diz respeito a diversas questões relativas à existência, bem como à Religião e a Política, tais como:

- Seria no amor, no amor e no sexo, ou apenas no sexo que o ser humano se realizaria?
- Existiria o amor?
- A morte seria o destino final dos seres humanos?
- A Religião resolveria o problema da angústia da existência?
- A Política poderia dar alguma esperança, ou não passariam de pura retórica os seus discursos?
- Seria o Comunismo ou o Fascismo a solução para o Brasil? Ou ambos seriam totalitários?

E, diante do problema do sentido da existência, a amizade é vista na obra, como “uma grande consolação para a vida” daqueles que, “juntos, procuravam a finalidade das suas existências”, afirmando que há um fim ou sentido na vida.

O contraponto disso era feito por Pedro Ticiano, personagem pessimista, talvez conhecedor de Schopenhauer, que não via outro fim para a vida, senão a morte.

Enfim, um dos temas da obra, a amizade, que era caro à Filosofia antiga, sendo uma exigência básica para o filosofar, bem como a consolação, que foi objeto do estudo de Sêneca e Boécio, foram temas que Jorge Amado, aos 18 anos, resgatou em um contexto histórico de crise sobre o que significava existir, no Brasil, nos idos de 1930.

3 – CACAU (1933)

Na obra “Cacau”, Jorge Amado denuncia o fato dos homens do campo serem obrigados a construir um templo para a realização dos cultos celebrados pela classe dominante, afirmando que os meninos da roça pensavam que os padres eram seus inimigos, visto serem amigos dos coronéis e serem bem recebidos nas fazendas.

Esses meninos oprimidos comparavam Deus aos coronéis, devido à riqueza e à força destes. Nas palavras de Jorge Amado, eles entendiam que Deus era um ser como um coronel, que “premiava os ricos e castigava os pobres”. Aqueles meninos “cresciam cheios de superstições e de feridas. Sem religião, sentiam um inimigo no padre. Odiavam-no naturalmente, como odiavam as cobras venenosas e os filhos pequenos dos fazendeiros”¹⁷.

No entanto, a referência mais comovente de Jorge em relação à desigualdade na obra “Cacau”, diz respeito ao pão da vida e à exclusão social, quando ele narra a fome de um menino que entrou numa padaria pedindo por pão, o qual lhe foi negado pelo proprietário.

Metaforicamente chamada de “X” do problema, a padaria tinha uma imagem de São José em seu interior. Assim, se narra a exclusão das pessoas que padeciam da fome e se mostra o contraste dessa condição com a abundância de pães junto à imagem de São José. Apesar disso, o empregado da padaria ralhava com quem lhe pedisse ao menos um pão, tanto para saciar a fome quanto para conter a dor causada no estômago pela falta do alimento.

O texto citado de “Cacau”, apresenta também um rico material teológico, especialmente por sua referência à metáfora de Cristo, tido como o

¹⁷ *Cacau*, p. 71.

pão da vida, presente no Evangelho de João, que diz: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer desse pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo”¹⁸.

Ao mesmo tempo, o texto de Jorge apresenta uma argumentação dialética e prática entre o pão da vida, que desceu do céu para dar vida ao mundo, e a retenção do pão diário pelos que o produzem e que, no entanto, não tem compaixão dos famintos e não multiplicam os pães com as pessoas excluídas dos meios de produção. Dentre essas pessoas, muitas esperam a solidariedade da sociedade, pois foi a partir dos pães e peixes doados pelas pessoas da comunidade que Cristo realizou o milagre da multiplicação¹⁹.

E é possível inferir que essa era a intenção do autor de “Cacau”: sua proposta é a de que os cristãos sejam solidários, que os devotos de S. José sejam tão bondosos quanto o próprio santo, e que os membros da comunidade, qualquer que seja seu credo, multipliquem os pães e os distribuam, pois o que parece ser uma divisão, quando doado, é uma multiplicação, pois mantém a vida.

Enfim, tanto por esse trecho de “Cacau”, quanto por outras obras, ao mencionar a multiplicação dos pães feita por Cristo, Jorge defende a solidariedade como valor fundamental para a vida em sociedade. E, assim, apesar das diferenças entre o comunismo e o cristianismo, em nossos dias, tanto para cristãos quanto para candomblecistas, umbandistas, ateus e agnósticos, o que deve importar, além do diálogo e do respeito mútuo, é a solidariedade, a partilha, pois como escreveu Amado, a vida boa, a justa distribuição dos bens necessários para tal, ainda é o “X” do problema.

4 – JUBIABÁ (1935)

Nessa obra, Jorge descreve a biografia de Antônio Balduino, menino negro, órfão, que foi criado por sua tia Luísa, que “fora-lhe pai e mãe” (p. 15). Ele não chegou a conhecer seu pai, e seu sonho de criança era ser jagunço (*id.*). Sua tia era lavadeira e carregava pesadas “latas fervendo toda noite pro

¹⁸ Ev. João 6:51. *Bíblia*. Versão Almeida revista e atualizada (<https://www.bibliaonline.com.br/ara/jo/6>).

¹⁹ Uma narrativa detalhada da multiplicação dos pães encontra-se em Mc 6: 35-44 e João 6:5-14.

terreiro” (sic), o que no senso comum, era o que poderia causar suas fortes dores de cabeça. Outras pessoas diziam que aquilo era “espírito... espírito e dos bons, dos que andam vagando procurando um corpo para se meter dentro” e, para o menino, isso era motivo de dúvida e de medo (p. 17). Porém, quando Jubiabá se dirigia até sua casa para socorrer Luísa, o menino sabia que a dor de cabeça de sua tia passaria.

Jubiabá era respeitado por todos, andava pela rua falando em Nagô, e abençoando as pessoas (p. 14). Para Balduíno, Jubiabá representava o mistério, era um conselheiro e um curandeiro, “era como o patriarca daquele grupo de negros e mulatos que morava no Morro do Capa-Negro, em casas de sopapo, cobertas com zinco” (p. 19).

Dentre as crenças da comunidade, encontram-se algumas que podem tornar as pessoas conformistas com a realidade, como a da mulher que dizia:

— Homem quando quer enganar é pior do que o sujo. Prometeu um mundão de coisas. Eu feito besta acreditei nele. Levamos por aí uma vida ordinária. Me encheu deste jeito. Tive que trabalhar e amarelei, perdi a cor, ele foi embora com uma cabrocha vagabunda que vivia abrindo os dentes pra ele²⁰.

Conformista, ela afirmava que “destino é coisa feita lá em cima. A gente já vem com o seu para o mundo, tem de cumprir” (p. 23).

As narrativas de Jorge descrevem o cotidiano, o trabalho, a vida difícil, a exploração, a violência, o engano, a traição, mas também a fraternidade, a solidariedade, a festa. Nessa comunidade havia um líder espiritual e moral, Pai Jubiabá. Ensinava que não se deve perder o olho da piedade e ficar só com o olho da ruindade. Isso pode ser visto, de forma paralela, nas palavras de Cristo: “São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas” (Mt 6:22-23).

As reuniões e os conselhos com Jubiabá, foram a única escola que

²⁰ O termo *cabrocha* diz respeito às pessoas descendentes de etnias diferentes, como as nascidas de portugueses e indígenas, de negros e indígenas ou de portugueses e mulheres negras. O termo é usado também em relação à música e à dança, referindo-se às mulheres versadas no samba (Disponível em: www.dicio.com.br/cabrocha/. Acesso em: 29/07/2024).

Balduíno e as outras crianças do morro tiveram. Quanto ao trabalho, os “filhos do morro”, quando crescessem, estariam sujeitos a ir para as ruas, onde aprenderiam a malandragem, enquanto as demais pessoas do local sujeitavam-se à “escravidão das fábricas, do campo, dos ofícios proletários”²¹.

De outras cidades, como Ilhéus, pessoas iam até o morro buscar a cura de alguma enfermidade, inclusive um rico fazendeiro de Ilhéus foi procurá-lo “por causa de uma dor antiga e martirizante que tinha na perna direita” e foi “curado radicalmente em duas sessões” (p. 26). Nessa parte da obra, Jorge insere uma descrição da violência reinante em Ilhéus, um lugar sem lei e sem ética, descrita como “terra brava, de tiro e de morte, onde ninguém estava livre da traição e se matava para fazer aposta” (p. 27).

Merece destaque nesta história, o desejo de Balduíno de ser cantado em um ABC. Esse argumento é uma forma de mostrar ao público o estilo que ele escolheu para escrever: um texto ao mesmo tempo simples, com a linguagem do cotidiano, porém, com um conteúdo crítico e transformador. Por outro lado, o ABC, de Castro Alves, que ele escreveu, além da conscientização sobre os direitos das pessoas escravizadas, tem um estilo erudito.

A obra “Jubiabá”, trata especialmente, e de forma didática, de Zumbi dos Palmares, mostrando que na terra de seus ancestrais não havia escravidão, nem suplícios, como ocorreu no Brasil, mas viviam em paz. Os brancos, todavia, que não tinham o olho da piedade e eram ávidos por dinheiro, os escravizaram, enquanto que Zumbi conseguiu criar um lugar de refúgio e de luta, o Quilombo dos Palmares. E Balduíno, conhecendo sua história, “encontrou um amigo para substituir a velha Luísa no seu coração: Zumbi dos Palmares. Ele foi daí em diante o seu herói predileto” (p. 49).

Sem os cuidados da tia, que falecera, Balduíno foi acolhido por um Comendador que lhe deu emprego, aliás, foi acusado falsamente de estar interessado pela filha do homem, Lindinalva. Era uma calúnia, devido a que ele foi punido com “uma surra medonha”. Depois disso, “como aqueles eram os únicos brancos que ele estimava, passou a odiá-los, e com eles todos os brancos”, e fugiu da Travessa Zumbi dos Palmares (p. 51).

²¹ *Jubiabá*, p. 26.

Seria certamente exaustivo, para os propósitos desta abordagem de “Jubiabá”, mencionar as várias narrativas que Jorge apresenta. Logo, a partir daqui destacaremos os aspectos principais em relação à peregrinação de Baldo, sua fuga por ter cometido um homicídio, seu emprego como boxeador em um circo e sua conscientização sobre a luta pelos direitos da classe trabalhadora, aprendida quando foi trabalhar na região portuária, em Salvador.

Jorge Amado narra também a situação das funcionárias das fábricas, que não eram tratadas como pessoas, não tinham autonomia moral nem a garantia de seus direitos à segurança e à saúde. E, assim, narra Jorge, a sua situação de exploração:

Das fábricas vem um cheiro que entontece. As mulheres saem da fábrica tristes e cansadas. Vem tontas daquele cheiro de fumo que já se impregnou nelas. É uma legião de mulheres que parecem todas doentes. Nas fábricas eram multadas se conversassem. As gestantes eram multadas se parassem de trabalhar devido às dores no ventre. O trabalho as explora e as entristece... Se uma mulher saísse de uma fábrica, não seria admitida em outra²².

Jorge registra a revolta de um homem que, diante de tanta exploração, afirmou que “Deus se esqueceu dos pobres”, no que uma mulher o repreendeu, dizendo: “Não diga heresia, homem. Deus castiga”. Ao que Balduino retrucou que podia ser heresia, mas que sua vontade era de exterminar os brancos (p. 134)²³. Essa sua ira, quando se associou com a consciência de classe, adquirida no trabalho no cais em Salvador, pode ser otimizada de forma pedagógica na luta pelos direitos da classe trabalhadora.

²² Os donos das fábricas eram alemães, e seus filhos acreditavam que a salvação da Alemanha viria de Hitler e que ele venceria a guerra (p. 131s). Na obra *Tenda dos Milagres*, Jorge fala sobre os professores da Faculdade de Medicina da Bahia que eram eugenistas, isto é, racistas, um dos quais, Nilo Argolo, lecionava Antropologia e demonstrava preconceito étnico-racial para com os negros, associando-os, sem ter base científica alguma, à criminalidade (*Tenda dos Milagres*, de 1969, p. 186. Ed. consultada: São Paulo: Companhia das Letras, 2010).

²³ A palavra *heresia*, no Grego, significa escolha. Cada escola de Filosofia na Grécia era chamada de heresia, significando a forma de ver o mundo, a ética, a política, a religião etc. Assim, o sentido original do termo é o de liberdade. Devido ao dogmatismo da Igreja, porém, o termo significava discordância, desobediência ou oposição aos dogmas, e assim, filósofos, cientistas e teólogos foram tidos por hereges, como Lutero, que foi considerado herege, por pregar a salvação pela graça, opor-se à venda das indulgências e negar a eficácia das obras para a salvação. Dessa forma, o que para um parece ser verdadeiro, para outro é heresia, e assim se aplica o termo heresia, no sentido de escolha, de forma inversa. Porém, vale lembrar que, na Grécia, cada nova escola de Filosofia era uma heresia, isto é, uma escolha de como ver o mundo, a justiça, a ética, a política. No entanto, o próprio Sócrates foi acusado de ter corrompido a juventude e de não venerar os deuses de Atenas, o que mostra que a heresia depende de quem está no poder.

5 – MAR MORTO (1936)

A obra “Mar Morto” é uma descrição da vida e do trabalho das pessoas que vivem da pesca em Salvador, mostrando suas aventuras, necessidades e vicissitudes no trabalho, afazer este destinado ao seu sustento e de suas famílias. Em tal lida, correm o risco de acidentes, naufrágios e morte. Retratam-se, também, na obra, as paixões e os conflitos existenciais de vários personagens, como o do menino Guma, de 11 anos, que se apaixonou por uma prostituta e que, depois, veio a saber que se tratava de sua própria mãe.

Na sua fantasia, seria melhor que não se tratasse de sua mãe. Essa parte da obra até poderia ser interpretada na perspectiva da Psicanálise e do complexo de Édipo, análise esta realizável por uma pessoa especializada nessa área do saber.

O livro se abre falando dos riscos da profissão de pescador e da veneração de Iemanjá, também chamada de Janaína, pelos pescadores, enfatizando que a morte no mar é um encontro com a divindade, porém, narra também a dor profunda dos familiares de quem morre no mar. Essa crença pode ter um aspecto de fatalismo e, ao mesmo tempo, de consolação, pela morte dos entes queridos. Por outro lado, é fato que cada esposa de pescador e sua família temem a notícia de um naufrágio do seu marido numa noite de tempestade (p. 19)²⁴.

O mar é dialético, dele vem tanto o bem quanto o mal. Dele “vem toda a alegria e toda a tristeza, do mar vem a música, vem o amor e vem a morte”, e como ele, assim também é instável a nossa vida (p. 19). O medo de perder a vida no mar leva os homens a beijar longamente suas mulheres, na despedida “dão adeuses longos” e suas mãos acenam como se estivessem chamando de volta um ao outro (p. 19-20)²⁵.

A morte no mar é trágica, mas a crença no encontro com Iemanjá, alivia as dores da esposa e dos filhos daqueles pescadores que foram levados pelas águas turbulentas do mar. Essa dor indescritível é consolada com a crença de

²⁴ Iemanjá também tem outros nomes: “Ela é sereia, é a mãe-d'água, a dona do mar, D. Janaína, D. Maria, Inaê, Princesa de Aiocá” (p. 67).

²⁵ A expressão “dele vem o nosso bem e nosso mal” é usada também na obra *Gabriela* (1958).

que “é doce morrer no mar, porque quem ali morre irá encontrar a Mãe D’água, que é a mulher mais bonita do mundo todo” (p. 22). No entanto, as mulheres temem o dia em que seus maridos talvez fiquem no fundo do mar.

Dialeticamente, porém, o medo do mar é associado à sua beleza, sua força e fúria, como se ele fosse um senhor dos seres humanos, e talvez por isso se tenha desenvolvido uma forma de veneração por ele, como na canção de Caymmi que diz:

Quem vem pra beira do mar, ai Nunca mais quer voltar, ai Quem vem pra beira do mar, ai Nunca mais quer voltar / Andei por andar, andei / E todo caminho deu no mar / Andei pelo mar, andei / Nas águas de Dona Janaína / A onda do mar leva / A onda do mar traz / Quem vem pra beira da praia, meu bem / Não volta nunca mais²⁶.

É possível que as pessoas que vivem da pesca no mar tenham uma consciência maior da finitude humana, pois “do mar vem toda a alegria e toda a tristeza... Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? O mar é instável. Como ele é a vida dos homens dos saveiros”, bem como de toda gente (p. 19).

Por isso, os pescadores têm uma consciência absoluta de sua finitude: “Toda vez que cantam e amam, bem pode ser a última. Quando se despedem das mulheres não dão rápidos beijos, como os homens da terra que vão para seus negócios. Dão adeuses longos. Mãos que acenam, como que ainda chamando” (p. 19-20). E cada esposa ou outra pessoa da família teme um naufrágio do pescador que parte em busca de seu sustento. É a dialética da vida. E talvez na natureza nada seja mais dialético do que o mar, que ao mesmo tempo que nos fascina e nos atrai por sua beleza, sua força e sua voz, nos amedronta e pode nos tragar.

Essa descrição do mar feita por Jorge Amado mostra tanto seu realismo quanto sua paixão pelo mar, o que para Hegel talvez fosse um exemplo perfeito da dialética da finitude e da totalidade, pois o mar é o destino de muitas pessoas: pescadoras, pescadores, turistas, aventureiros, desportistas, casais apaixonados...

Eis a dialética e a totalidade do mar, a qual se entrelaça com a dialética

²⁶ Excerto disponível em: cantodampb.com/quem-vem-pra-beira-do-mar-dorival-caymmi/. Acesso: 22/04/2024)

da nossa existência: “Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza... Quem já decifrou o mistério do mar? Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? Como ele é a vida dos homens dos saveiros” (p. 19).

O mar é, assim, um lugar de amor, de vida, de alegria, mas também de luta, de perigo, de dor, de risco de morte e de tristeza. Por isso, ele pode ser visto como um símbolo de tudo o que faz parte da vida, pois ele é dialético por natureza. Dialeticamente o mar faz parte do sustento de muitas famílias que vivem da pesca, as quais arriscam sua própria vida para levar o pão de cada dia para seus lares. Por isso Jorge afirma que “o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem” (p. 19). Ele é como um soberano e todos que o procuram devem se submeter ao seu poder, isto é, à sua natureza.

A consciência da finitude dos pescadores é tamanha que “toda a vez que cantam e que amam, bem pode ser a última. Quando se despedem das mulheres não dão rápidos beijos, como os homens da terra... Dão adeuses longos, mãos que acenam, como que ainda chamando” (p. 19-20). Por isso, é difícil, e mesmo impossível, reconfortar o coração de uma mulher que perdeu seu amado no mar, mesmo que se cante o verso que diz que “é doce morrer no mar”. Nem tais palavras podem reconfortar o coração da mulher que perde seu amado, nem os corações de suas filhas e filhos. Porém, permanece a consolação em crer que o ente querido que passou sob as ondas “já havia visto lemanjá, a Mãe D’água” (p. 21).

6 – CAPITÃES DA AREIA (1937)

A obra descreve a situação de exclusão dos direitos básicos de crianças e adolescentes em Salvador. Era um grupo de crianças e adolescentes que se refugiava em um trapiche, onde estavam sujeitos às intempéries da natureza e à violência. Para esses meninos, só a Revolução resolveria a situação de exclusão de seus direitos.

Quanto à religião, o autor afirma que mesmo orientados por um Padre, a imagem que tinham de Deus, ou de Jesus, era a de um menino pobre, magro, esquelético, enquanto os ricos o viam como gordo e forte. No entanto, apesar dessa visão negativa de Deus, um deles, o Pirulito, tinha vocação sacerdotal.

O livro narra como eram tratados os meninos que eram detidos, descrevendo as torturas impostas a Pedro Bala. E ali, numa cela na qual mal conseguia se deitar para dormir, ele conseguiu ouvir que “os presos cantavam sobre a grandeza e a beleza da liberdade”, afirmando que “a liberdade é o bem maior do mundo”.

Fora da cadeia estavam o sol, a liberdade e a vida. A prisão era como uma eterna escuridão (190-191), tal era a situação de menosprezo pela dignidade humana, algo comparável ao conceito de vida nua, de Giorgio Agamben.

A narrativa se detém também na descrição das greves nas docas, as quais não eram feitas apenas em relação aos baixos salários, mas sim pela liberdade, da qual os doqueiros pouco desfrutavam.

A cadeia, as surras, a fome e o desconforto, bem como toda forma de negação de direitos ensinaram a Pedro Bala que a liberdade é o bem maior do mundo. E quanto mais eram castigados os meninos, tanto maior ódio se acumulava dentro deles (p. 192, 203).

Uma síntese excelente de “Capitães da Areia”, pode ser encontrada na obra “Jorge Amado Essencial”, de Alberto da Costa e Silva, da qual citamos as seguintes observações:

Capitães da Areia começa com uma notícia de jornal sobre o assalto a uma casa por um grupo de meninos que vivia nas ruas, seguida por várias cartas à redação sobre o assunto”. As autoridades demonstravam “hipocrisia, descaso, prevalência do castigo sobre a compreensão, desprezo e desinteresse pela realidade²⁷.

O livro “descreve a situação de várias dessas crianças até a morte ou a idade adulta: aquele guri que lia sem parar se tornará um pintor famoso. Pedro Bala, um revolucionário organizador de greves e passeatas. Os demais continuarão meninos de rua que eram, ao mesmo tempo, e sem o saber, acusadores e juízes” de quem os colocou nessa situação de exclusão dos direitos básicos da criança e do adolescente²⁸.

²⁷ SILVA, Alberto da Costa. *Jorge Amado Essencial*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2010. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1QrUiiO0l2IPFu-0t3XcOuG-4zxm0Zlc0/edit>. Acesso em: 01/08/2024).

²⁸ SILVA, Alberto da Costa. Idem, acesso: 01/08/2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de mais nada e ao final de tudo, é difícil não me identificar com a imensa sensação de um ‘nada’ existencial: acho que preciso me ‘confessar’.

Ao final desta Palestra, transformada em Artigo, ou de um Artigo, transmutado em Palestra: não sei ao certo como isso se deu – sinto que houve exata Alquimia entre estes gêneros do discurso e o tempo transcorrido, produzindo em meu espírito uma réstia de inquietação quanto à eternidade.

Jorge Amado, no passado, encantou as letras e as palavras do idioma pátrio, produzindo significados mágicos que se mantêm atuais em qualquer língua, emplacando em seus novos leitores, estas simbólicas palavras-clichês.

Mas, certamente, a obra amadiana não é só isso: uma mera imersão num mundo de obviedades, repetidas, desgastadas. Um dia, me disseram que D. Quixote (1ª Edição, 1605), o cavaleiro de uma triste figura, criado por Cervantes (1547-1616), meio que inspirava em seus leitores, algo assim:

Um jovem, quando lê o Quixote, se alegra, dá gargalhadas. Este mesmo leitor, ficando mais velho, adulto, ao reler o Quixote, se colocaria a refletir profundamente sobre as mazelas do mundo. E, quando este adulto, voltasse a ler o Quixote, já na maturidade, é certo que somente choraria, choraria muito, diante das verdades que diante de seus olhos saltariam óbvias e gastas.

Sinto nestes livros de Jorge Amado um pouco desta saga, porém, somente me detenho, neste *paper* e sobre tais obras, ao momento de chorar, talvez só pra me vingar do jovem tolo que um dia eu fui.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos*. Guia de ruas e mistérios. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

AMADO, J. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: Record, 1999 (98ª. tiragem).

AMADO, J. *Jubiabá*. S. Paulo: Círculo do Livro, s/d.

AMADO, J. *Mar morto*. 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

AMADO, J. *O país do carnaval. Cacaú. Suor*. S. Paulo. Livraria Martins Ed., 1958.

ANJOS, Rafael S. A. *O Brasil africano de Jorge Amado: territórios, cartografias & fotografias* (journals.openedition.org/amerika/4694?lang=pt) (ac: 16/27/2024)

PROENÇA, Paulo S. *Sob o signo de Caim: Machado de Assis e a Bíblia*. S. Paulo, Biblioteca 24 horas: 2015.

SALAH, Jacques. *A Bahia de Jorge Amado*. Salvador: Casa de Palavras, 2008.

SANTANA, Crisley. "Estudo analisa a violação dos direitos humanos na obra Capitães da Areia". *Jornal da USP*, 21/10/2022 (<https://jornal.usp.br/universidade/estudo-analisa-a-violacao-dos-direitos-humanos-na-obra-capitães-da-areia/>). Acesso: 01/08/2024.

SILVA, Alberto C. *Jorge Amado Essencial*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2010
(<https://drive.google.com/file/d/1QrUiiO0l2lPFu-0t3XcOuG-4zxm0Zlc0/edit>)

TAVARES, Paulo. *O baiano Jorge Amado e sua obra*. 2. ed. Rio: Record, 1980.